

PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

LUCIANA MAIA GARCIAS¹; GABRIELE RUDÜNZ KRUGER²; ALEXANDRE CARRICONDE MARQUES³

¹Escola Superior de Educação Física - UFPEL – lucianagarcias@live.com

²Escola Superior de Educação Física - UFPEL – gabrielerk@gmail.com

³Escola Superior de Educação Física –amcarriconde@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) trata-se de um distúrbio do desenvolvimento que cursam com padrões atípicos do comportamento, as características marcantes deste transtorno são basicamente no âmbito da interação social, comunicação e comportamentos restritos e estereotipados (SCHWARTZMAN, 2011). Existem características típicas e semelhantes, porém pode haver sintomas, intensidade e gravidade diferentes de um indivíduo para outro, ou seja, a caracterização deste transtorno é ilimitada, pois cada indivíduo age e possui características diferentes.

Nos últimos anos vem se observando um aumento significativo nos casos do TEA. Investigações no Brasil estimam um aumento dramático na incidência desta deficiência, atingindo a média de 40 a 60 casos a cada 10.000 nascimentos (SILVA, MULICK, 2009). Com o crescimento dessa população, consequentemente há um avanço nas pesquisas científicas buscando soluções para uma melhora na qualidade de vida desse público.

Os benefícios da prática de atividade física trata-se algo sacramentado nos estudos científicos, para a população com TEA não é diferente. A atividade física pode propiciar uma mudança substancial em seu estilo de vida desses indivíduos, trazendo uma série de benefícios. Considerando que esta é uma atividade que desenvolve aspectos orgânicos e sociais, a prática torna-se importante para o desenvolvimento das pessoas com autismo (TODD e REID, 2006).

Existem diversos fatores que propiciam a prática de atividade física tais como a existência de locais que facilitam a realização da atividade física, influência dos amigos, clima, suporte social, e a influência familiar (JUNIOR, 2000). Da mesma forma, há fatores que podem corroborar ou dificultar a prática de atividade física do indivíduo com TEA. Enfatiza-se aqui a influência familiar, pois é através desta que muitas barreiras podem ser superadas..

Nessa perspectiva o objetivo do presente estudo foi descrever a percepção dos pais sobre a prática de atividade física de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista, bem como as barreiras e facilitadores para tal.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho define-se como um estudo epidemiológico transversal. A amostra do tipo intencional foi composta por vinte e seis crianças e adolescentes com TEA, com idades entre dois e dezessete anos, residentes na cidade de Pelotas-RS. Os participantes foram recrutados no Centro de Atendimento ao Autista Dr. Danilo Rolim de Moura em Pelotas/RS.

Enquanto as crianças e adolescentes com TEA eram atendidas no centro, os familiares foram abordados na sala de espera, sendo convidados a responder um questionários por meio de uma entrevista. Foi realizada uma prévia explicação

do objetivo do presente estudo e solicitado a assinatura do termo de consentimento.

Com base em instrumentos previamente utilizados e validados foi criado um instrumento adaptado às especificidades da presente pesquisa. Após a coleta, os dados foram digitados no SPSS 21.0. Foi realizada uma análise descritiva das medidas de tendência central (média, desvio padrão e frequências). Para verificar a associação entre as variáveis categóricas, foi utilizado o teste do Qui-quadrado de Pearson, para um $p \leq 0,05$.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verifica-se que a maioria das crianças são do sexo masculino (88,5%) e de cor de pele branca (84,6%). Um pouco mais que a metade da amostra (53,8%) tiveram seu diagnóstico entre o primeiro e o terceiro ano de vida. Mais de 60% não tem nenhuma doença associada. Observa-se que 92,3% ($n=24$) frequenta a escola comum, mas apenas 53,8% ($n=14$) participam das aulas de educação física. Entre o número de indivíduos que participam da educação física na escola, oito precisam da presença de um cuidador. Em relação a atividade física no lazer, observa-se que 16 indivíduos (61,5%) realizam esta atividade de forma regular.

As atividades citadas foram: psicomotricidade ($n=7$), natação e psicomotricidade ($n=5$), natação ($n=2$), programa segundo tempo ($n=1$) e balé ($n=1$). Foi encontrado uma associação significativa entre a atividade física desses indivíduos e sua participação nas aulas de educação física, ou seja, as crianças/adolescentes que fazem atividade física no lazer, participam das aulas de educação física ($p=0,001$).

Não foram encontradas associações significativa entre a prática de atividade física no lazer e a presença na escola, tipo de escola e presença de doenças.

Entre os 26 entrevistados, 18 relataram os motivos pelos quais procuraram atividade física, e os motivos mais citados foram: "melhora na coordenação motora" ($n=8$), "saúde" ($n=7$); "o filho pediu ou se mostrou interessado" ($n=5$), "outro motivo" ($n=5$) e; por fim, "perda de peso" ($n=3$). Entre os entrevistados, 8 não procuraram atividade física para seu familiar.

Dentre os outros motivos, foi mencionado: interação social/socialização, indicação do professor, melhora nas atividades cognitivas em geral, indicação da diretora do centro e para proporcionar mais vivências a seus familiares.

As barreiras mais citadas foram: ausência de projetos sociais para inserção da criança em programas de AF (84,6%); falta de dinheiro para realizar atividades físicas (65,4%); não ter companhia dos amigos para realizar alguma AF (65%) e; preferência por realizar outras atividades (46,2%).

A maioria dos indivíduos da amostra (92,3%) frequenta escola comum. Nos dias atuais este número vem aumentando entre crianças com algum tipo de deficiência. Dados do Portal Brasil indicam que no ano de 2014 houve um crescimento expressivo em relação às matrículas de alunos com deficiência na educação básica regular, o que não incluía crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (PORTAL BRASIL, 2015).

Para a população com TEA, essa realidade se deu mais recentemente, com a criação da lei n.º 12.764 a qual faz com que os indivíduos com TEA passem a ter os mesmos direitos que as pessoas com deficiência, tendo direito a todas as políticas de inclusão do país - entre elas, as de educação. (BRASIL, 2012)

Alguns estudos têm demonstrado que com o envolvimento de toda comunidade escolar no processo de inclusão é possível verificar importantes ganhos para o desenvolvimento da pessoa com TEA incluída na escola comum. Estudo de Serra (2004), no qual buscou verificar os efeitos da inclusão em escola comum nos comportamentos de um menino de sete anos com TEA, através de uma avaliação escolar, familiar e da criança, comprovaram que a inclusão trouxe benefícios para ela. Mantoam (2015) diz que é necessário ressignificar o papel da escola com professores, pais e comunidades interessadas e instalar, no cotidiano formas mais solidárias de convivência. Refere-se também que são as escolas que tem de mudar e não os alunos, para que estes tenham assegurado o direito de aprender e estudar nelas.

Verificou-se uma associação significativa ($p=0,001$) entre a participação dos indivíduos nas aulas de educação física e a sua prática de atividade física, ou seja, nessa pesquisa, pode-se observar a importância da participação destas crianças e adolescentes nas aulas de educação física, pois esta participação pode influenciar na realização da AF no lazer.

Acredita-se que essa associação se dá pelo fato de que, participando das aulas de educação física, esses indivíduos acabam adquirindo diversas vivências e assim, mostram-se mais interessados, fazendo com que seus pais ou familiares o levem para praticar algum tipo de AF em seu horário de lazer, e até mesmo procurem algum tipo de AF extra-escolar.

Ao analisar as barreiras e facilitares, destaca-se que todos os familiares relatam mais de uma barreira para prática de AF, contudo as barreiras pessoais, foram mais prevalentes com as dificuldades financeiras para realizar alguma AF e o fato das crianças preferirem outra atividade.

Das barreiras ambientais, a mais citada foi a falta de projetos sociais próximos a residência, aspecto também encontrado nos estudos de Jung (2013) e Krüger (2015).

Ao serem perguntados sobre a essencialidade de sua atuação e presença na prática de seu familiar com TEA, a maioria respondeu positivamente, pois a maioria deste público é, de alguma forma, dependente para diversos atos do cotidiano, inclusive para serem conduzidas nas atividades que participam.

Além disso, todos os entrevistados mostraram existir algum tipo de barreira, então muitas vezes o fato de achar muito importante não é suficiente para que essas pessoas pratiquem AF.

4. CONCLUSÕES

Com os resultados obtidos neste trabalho, pode-se perceber que ainda existem diversos fatores que dificultam a prática de AF de indivíduos com TEA.

Percebe-se que alguns casos, a importância que e os familiares dão para prática de AF não corresponde à realidade de alguns. Acredita-se que na sociedade como um todo o mesmo ocorre, ou seja, todos sabem que é importante, porém não procuram inserir tal prática no seu cotidiano ou no de seu familiar.

Percebe-se que a atuação dos pais é um aspecto muito importante na inclusão e AF desses indivíduos. Na maioria das vezes é através dos pais, que os indivíduos com TEA ganham maiores oportunidades e direitos.

O papel do professor de educação física é muito importante na vida de seus alunos com TEA, pois participando desta aula este indivíduo aperfeiçoa diversos aspectos em que possui dificuldade, tais como: socialização,

coordenação motora, etc. E, também, participando das aulas torna possível que estes alunos adquiram o gosto pela prática de AF.

Acredita-se que com o aumento de oportunidades para prática de AF, participação efetiva nas aula de educação física, mais estudos sobre o tema e familiares bem informados, seja possível aumentar o número de indivíduos com TEA ativos fisicamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JUNG, L. Atividades Diárias e Percepção de Barreiras e Facilitadores para Prática de Atividade Física de Pessoas com Déficit Intelectual, 2013 Dissertação (Mestrado em atividade física e saúde) – Curso de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.
- JUNIOR, Aylton J. Figueira. Influência da família na atividade física de adolescentes. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 0 , n. 4 , p. 28-43, jan./jun. 2000.
- KRÜGER, G. R. Atividade física e barreiras em crianças com autismo em Pelotas. 2015. Dissertação (Mestrado em Atividade física, saúde e desempenho)
- Curso de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS
- MANTOAM, M.T.E. Inclusão escolar, O que é? Por quê? Como fazer? Ed. Summus. São Paulo, SP . 2015
- PORTAL BRASIL. Dados do Censo Escolar indicam aumento de matrícula de alunos com deficiência. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/03/dados-do-censo-escolar-indicam-aumento-de-matriculas-de-alunos-com-deficiencia>> Acesso em 02 de Junho de 2016
- SCHWATZMAN, J. S. Neurobiologia dos transtornos do espectro do autismo. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C.A. (Org). Transtornos do Espectro do Autismo. São Paulo. Menmnon Edições científicas, 2011, v.6, p. 65-111.
- SERRA, D. C. G. A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2004.
- SILVA, M; MULICK, J.A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. Psicologia: ciência e profissão, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.
- TODD, Terri. REID, Greg. Increasing Physical Activity in Individuals with Autism. Focus Autism Other Dev Disabilities vol. 21 no. 3 167-176, 2006.